



Sistema de
Bibliotecas
UFMG

Conexão Biblioteca

Boletim Informativo do Sistema de Bibliotecas da UFMG | Ano 5 . Nº 17 | Agosto . Setembro de 2016

Du reste, si mon oncle m'avait grondée, c'était plutôt, comme il le disait lui-même, en prévision de l'avenir, car je me trouvais dans un milieu où mes actes et mes paroles étaient jugés avec la plus grande indulgence. Milieu plein d'aménité, de politesse, de traditions courtoises, dans lequel, sans m'en douter, j'avais bon nombre de parents et d'alliés.

Grâce à mon nom, à ma beauté, à ma dot, beaucoup de péchés contre les convenances me furent pardonnés. J'étais l'enfant gâté des douairières, qui racontaient avec complaisance des anecdotes sur mes grands-parents, mes arrière-grands-parents et certains aïeux dont les faits et gestes avaient dû être bien remarquables pour que ces aimables marquises en parlassent avec tant de chaleur. Je découvris avec satisfaction que les ancêtres servent à quelque chose dans la vie, et couvrent de leur poussière les hardiesses et les lubies des jeunes de des jeunes qui sortent du fond des bois.

J'étais l'enfant gâté, mes yeux, voyaient briller la coquetterie amusante, un immense bonheur, taines têtes en girouette. O coquetterie, que tu fais au nom !

Il fallait que ce soit trois soirées, j'en comptais. Je voudrais être présente à mon auditoire et me faire de jugement pour ne pas être ne resterais-je pas dans ma courte carrière, je crois que je ferais quelques prosélytes. Je plains les hommes qui, croyant tout connaître, ignorent les plaisirs les plus fins, les plus délicats. A mes yeux, ils mènent une vie de cornichon..., de melon tout au plus.

Pendant que je me donnais beaucoup de mouvement et que je révolutionnais les cœurs, Blanche passait, belle et fière, trop sûre de sa beauté pour faire des frais, trop digne pour s'abaisser aux agitations et aux roueries qui faisaient ma joie.

Néanmoins, quand la première effervescence fut calmée, j'en vins bien vite à réfléchir que M. de Conprat mettait un temps infini à s'éprendre de moi. Il me voyait sous toutes les faces, en grande toilette, en demi-toilette, coquette, sérieuse, parfois mélancolique, rarement, je dois l'avouer, et, malgré cette diversité d'aspects qui empêchait la monotonie de s'attacher à ma personne, non seulement il ne se déclarait pas, mais il avait l'air vraiment de me traiter en enfant. Le maître de la maison, seigneur, qu'il nous a vus pour une pet, et fille.

Ne t'imaginant pas que je n'étais pas une lionne, j'étais une lionne, c'est l'idée que j'avais. Pour tiser, que j'avais mené m'en aller, fluide un s car, salu

Le situation pour l'ore fou

Literatura a favor
da diversidade
Página 03

Livros de ouro
Página 06

As várias faces
de Dom Quixote
Página 07

Sem tabus
Página 08

Honni soit qui mal y pense !

Je remarquai avec dépit que Paul valsait souvent avec Blanche, tandis qu'il m'invitait rarement, sans y mettre ni formes ni empressement. Je redoublai de coquetterie pour attirer son attention ; mais que lui importait ! sa tête, son cœur étaient loin de moi, et je me réfugiai dans un coin reculé en refusant énergiquement de danser.

Il y avait quelques instants que je me dissimulais dans les draperies qui séparaient le grand salon d'un boudoir où plusieurs femmes étaient assises, quand je surpris la conversation de deux respectables douairières dont j'avais fait la conquête.

« Reine est ravissante, ce soir ; comme toujours elle a tous les succès.

— Blanche de Pavol est plus belle, cependant.

— Oui, mais elle a moins de charme. C'est une reine dédaigneuse, et M^{lle} de Laval une adorable petite princesse des contes de fées. Ce qui choquerait chez

est décidé avec M. de

Páginas em chamas: A destruição de livros através da história

mais je me deshabillai en l'honneur de mon malheur allait fondre sur moi.

Néanmoins, comme rien n'est plus versé dans les ans, le lendemain je me reprenais à espérer de ces dames de cancan sans portée. Je résolus donc de me présenter à M. de Conprat, et j'étais dans une position morale qui permettait au moindre indice de donner lieu à des impressions même passées et fugitives.

Dans l'après-midi de ce jour nous étions tous dans le salon. Le commandant et moi étions assises, et Blanche se trouvait que elle exerce, et elle pouvait se qualifier de maîtresse de maison en remarquant qu'il s'efforçait de se contenir, et d'observer soigneusement sa position morale qui était à des impressions intempestifs. C'est alors que, pour sa propre satisfaction, quand j'aurais aimé non les airs, mais l'identité du même sentiment, mais il était épris de Blanche, et lui plaisaient dans la femme.

Junon termina son affaire avec un vif enthousiasme, et me dit que « Quel maître que nene, ad il jou ma cousine.

— Vous avez bien le même sentiment mes pieds que j'ai de Blanche, furieux. — Je te jure que dans la femme

— Non, je n'ai pas son air ! — Non, je n'ai pas son air ! — Non, je n'ai pas son air ! — Non, je n'ai pas son air ! — Non, je n'ai pas son air !

— Vous avez bien le même sentiment mes pieds que j'ai de Blanche, furieux. — Je te jure que dans la femme

— Non, je n'ai pas son air ! — Non, je n'ai pas son air ! — Non, je n'ai pas son air ! — Non, je n'ai pas son air ! — Non, je n'ai pas son air !

Na literatura erótica, nas obras sobre a diversidade sexual, na imprensa, na história dos livros... A censura sempre esteve presente em diversos níveis e facetas, mesmo que camuflada. As páginas deste Conexão Biblioteca nos convidam a pensar sobre essas e outras maneiras simbólicas e físicas de repressão que ainda nos assombram na atualidade.

A matéria de capa mostra que a “queima” dos livros ainda está presente na falta de cuidado com os exemplares das bibliotecas, que afeta não só seus aspectos físicos, mas também o conteúdo imaterial.

“Livros de ouro”, na página 6, fala sobre a conservação de obras preciosas, cuja importância está inclusive nos detalhes da encadernação e nas particularidades dos acervos.

Em “Cinema pra ler”, o filme escolhido para dialogar com o tema abordado na capa, “Fahrenheit 451”, mostra como a queima de livros é uma tentativa de destruir o que eles despertam na alma e no intelecto humanos.

Já na ficção literária, muitos queriam ver a biblioteca de Dom Quixote em ruínas, alegando que os livros o levariam à loucura! Na página 7, o Conexão coloca “Em destaque” esse clássico, no momento em que são lembrados os 400 anos de morte de Miguel de Cervantes, escritor que deu vida ao personagem Dom Quixote de la Mancha.

Cada uma dessas matérias pretende despertar não só reflexões, mas também o riso e o espanto, ao mostrar como a literatura pode ser libertadora e assustadoramente sincera.

Deleite-se!

Carla Pedrosa
coordenadora da Divisão de
Comunicação do Sistema de
Bibliotecas da UFMG

1984 É AGORA?

Dica: 1984 – George Orwell
**Disponível no Sistema de
Bibliotecas da UFMG**



Marcelo de Carvalho Borges – professor do Departamento de Desenho da Escola de Belas Artes da UFMG

O romance distópico escrito por George Orwell, em 1948, retrata uma sociedade totalitária onde todos os atos e as falas dos indivíduos são monitorados e reprimidos pelo Estado. O livro conta a história de Winston Smith, funcionário público do baixo escalão, que leva uma vida miserável. Seu trabalho é alterar registros e notícias, para que as informações sobre o passado e a história estejam sempre conforme os interesses da propaganda política vigente.

Winston inaugura uma sequência de ações que o enredam numa trama de transgressão e paranoia. Neste regime, qualquer ato autônomo representava um desvio: “A coisa que estava prestes a fazer era começar um diário. Não era um ato ilegal (nada mais era ilegal, pois não havia mais leis), porém, se o fato fosse descoberto, seria praticamente certo de que seria punido com a morte, ou no mínimo vinte e cinco anos de prisão num campo de trabalhos forçados”.

Diversos termos apresentados por Orwell em 1984 estão presentes em nossa cultura, para se referir à vigilância excessiva ou ao desrespeito à privacidade dos cidadãos. Por exemplo, o “Grande Irmão” ou “Big Brother” representa a figura máxima do governo, sempre observando os indivíduos através das telas de TV instaladas em toda parte.

Apesar de parecer remoto, o mundo retratado por Orwell encontra correspondências com a história, como na repressão imposta pelo fascismo e o nazismo. E ainda hoje está presente na influência que os conglomerados de mídia exercem na opinião pública brasileira, impondo apenas uma versão dos fatos.

Esse é o seu espaço!
Envie uma sugestão de leitura para:
comunicacao@bu.ufmg.br

Literatura a favor da diversidade

Alex Vilaça

Quando nasceu, a princesa da IlhaAnã foi chamada de João. Achavam que ela era um menino por causa das características físicas distintas das mulheres. Aos sete anos, fez um pedido de aniversário aos pais, deixando-os atônitos: “De presente, quero que me chamem de Joana para sempre. Eu sou uma menina!”. Essa é a história de “Joana Princesa”, livro infanto-juvenil da psicóloga Janaína Leslão.

Cansada dos contos de fadas que terminam com a princesa e o príncipe felizes para sempre, Janaína decidiu questionar, na literatura, padrões normativos de gênero e sexualidade. A ideia veio depois de a escritora perceber que não havia material para crianças sobre o assunto. “Cada um no seu espaço e à sua maneira pode contribuir para uma sociedade menos intolerante. É óbvio que não vou mudar o mundo com os livros que escrevo, mas espero que façam sentido na vida de algumas pessoas”, conclui a autora em matéria publicada este ano na Rede Brasil Atual.

E as contribuições da literatura em prol da diversidade vão além. No livro “Viagem Solitária – memórias de um transexual 30 anos depois”, João Nery, ao relatar sua experiência, ajuda a alavancar discussões de temas como a despatologização da transexualidade e a mudança do nome civil. “Nunca imaginei que ao lançar esse livro minha vida mudaria radicalmente. Não mais como um *freak* de Joana para João, mas como um elemento visibilizador de um segmento praticamente desconhecido – os transhomens”, revela João em texto publicado no ano de 2014 na plataforma Museu da Pessoa.



Apesar dos avanços, ainda há pouco conteúdo sobre essa temática no Brasil. João Nery aponta que o problema começa ainda na educação infantil. “Há um despreparo no trato da população transgênera, começando pela família e escola, que não têm projetos político-pedagógicos que contemplem a diversidade sexual. Não só a criança, como também o adolescente, precisa de orientação e apoio emocional para enfrentar essas questões”, afirma.

Dose de Literatura

“Por que os papas, ao invés de discursos lengalenga, não arrancam as vestes, não pulam daquela cadeirinha, não ficam nus e nus não discursam um texto veemente, apaixonado e colérico amaldiçoando os canalhas? Não adianta ficar voando de ceca em meca beijando o chão. Não, deviam postar-se nus numa praça e ali permanecer até que os homens entendessem que é preciso acabar com todas as cloacas do poder.”

Publicado em 1990, o livro “Contos d’escárnio: textos grotescos” faz parte da trilogia pornográfica de Hilda Hilst, projeto que critica a submissão de obras literárias às leis do mercado. Leia mais sobre literatura erótica na matéria “Sem tabus”, na última página deste informativo.



Páginas em chamas

A destruição de livros através da história

“Quem quebrar esta tableta ou a puser na água, os deuses dos céus e da terra e os deuses da Assíria podem todos amaldiçoá-lo.”

Lívia Araújo

Entre quase trinta mil placas de terracota encontradas na antiga biblioteca do rei assírio Assurbanipal, esses dizeres despertam a atenção. As tabletas, consideradas os primeiros livros da humanidade, nasceram na Suméria há mais de cinco mil anos. Conservá-las já era uma preocupação, mesmo na coleção de Assurbanipal, em Nínive, na antiga Mesopotâmia.

O berço da literatura, onde é hoje o sul do Iraque, também foi pioneiro na sua destruição. As guerras entre cidades-estado queimavam as plaquetas, além de despedaçá-las em meio a combates. Isso porque os ataques, além de reduzir o inimigo a ruínas, tinham por objetivo aniquilar sua cultura.

Estes dados podem ser encontrados na obra “História Universal da Destruição de Livros”, de Fernando Báez. O autor afirma que cerca de 60% dos livros são destruídos pela “mão violenta do homem” e 40% por outros fatores, como desastres naturais, acidentes, animais e a degradação de seu material.

Na biblioteca

No Sistema de Bibliotecas da UFMG, a destruição está presente em manchas, rabiscos, amassados e outros tipos de danos materiais aos livros. Em 2014, apenas na Biblioteca Central, o gasto para recuperar livros danificados superou **20 mil reais**, sem contar o prejuízo com obras que precisaram ser descartadas. Preservar o livro, por outro lado, não custaria nada.

A história se repete: o memoricídio na terra onde nasceram os livros.

É também no Iraque que perdura uma destruição sistemática de livros, com a invasão dos Estados Unidos e ações do Estado Islâmico. Seja pela omissão dos soldados americanos ou pelos saques e ações de extremistas realizadas no país, a perda de conhecimento é irreparável.

Na mesma época do saque ao Museu Arqueológico de Bagdá, em abril de 2003, ocorreu a queima de um milhão de livros na Biblioteca Nacional. Mais de dez milhões de registros do período republicano e otomano do Arquivo Nacional também arderam, junto a diversas bibliotecas universitárias, como as da Universidade de Bagdá e de Awqaf. O Museu de História Natural, as Bibliotecas Pública Central, da Universidade e a Islâmica de Basra também foram incendiadas.

Em março deste ano, a atual província de Nínive foi palco da queima de centenas de livros pelo Estado Islâmico. A escolha da destruição pelo fogo não é mero acaso. Báez aponta que ela evoca o ritual de permanência e purificação, que busca restituir o equilíbrio, poder ou transcendência. “É disso que se trata: queimar o passado é renovar o presente”, reflete o escritor.

A informação como ameaça

Há outro motivo por trás da destruição: o caráter “nocivo” do livro. O professor Luís Villalta, da Faculdade de História da UFMG, explica que uma obra pode trazer ideias que levem à subversão e ameacem a ordem religiosa, moral, social ou política. “Ele pode ser uma fonte de informação, objeto de deleite ou ícone de honra e distinção social. Por um desses elementos ou esses elementos como um todo, o livro se tornou objeto de controle e interdição”, diz Villalta.

No século XVIII, por exemplo, uma das preocupações constantes da realeza europeia era a dispersão do pensamento iluminista. Villalta destaca as cartas de um

Censura

No Brasil, não houve prensa gráfica até a vinda da corte em 1908. Os livros precisavam atravessar um oceano para que pudessem chegar às mãos dos brasileiros. Dessa forma, o controle sobre a leitura era extremamente rígido e regulamentado.

O mundo luso-brasileiro possuía três órgãos de censura: o Desembargo do Passo, que era um tribunal régio; a Inquisição em Portugal e os juízes e tribunais existentes em cada uma das dioceses.

Esses tribunais censórios, muitas vezes, faziam um trabalho de supressão, riscando e apagando determinados trechos de livros. Outra prática era simplesmente acabar com a circulação do livro ou ordenar sua queima, devido ao seu caráter herético ou “perigoso”.

padre francês, enviadas tanto à rainha de Portugal quanto ao rei da Espanha, denunciando o fluxo de livros que ameaçava o Antigo Regime.

“Rainha, tome cuidado” é o que, em suma, essa correspondência queria dizer. “Nós temos uma multidão de livros publicados em francês, de Rousseau, Voltaire, que estão saindo rumo a Lisboa. Eles são extremamente perigosos”, parafraseia Villalta. Além da preocupação com a circulação dessas obras no país, havia também outra questão: esses livros podiam ser levados ao Brasil e, a exemplo do que aconteceu na América Inglesa, serem base de uma revolução contra a Coroa.

Os livros e a honra

Seguindo as leis portuguesas, no Brasil algumas pessoas tinham o direito de ler ou possuir livros proibidos. “Fosse para combater as ideias dessas obras ou por demonstrar fidelidade à monarquia ou à religião, era um signo de grande honra”, conta Villalta.

Ter o direito de ler um livro proibido não permitia necessariamente que a pessoa o possuísse. Nesse caso, ela só leria dentro de um local específico, como um convento ou monastério. No caso de uma pessoa que pudesse ter a obra em casa, o controle de sua leitura se tornava problemático: como fiscalizar quem teria acesso a ela?

Para a nordestina Paula Siqueira, conseguir um desses livros não foi um problema. Para a inquisição, foram dois: Paula foi acusada de prática de sodomia feminina e leitura do livro proibido “A Diana”, de Jorge Montemor. A obra é cercada de conflitos, triângulos amorosos e desencontros entre amantes, dentro e fora do casamento. Ela foi condenada apenas pela leitura da obra, pela qual foi castigada publicamente em 1591.

Fato é que os romances despertavam o medo das autoridades monárquicas e religiosas. “O livro como deleite

também tem um componente nocivo, se a gente pensar que ele pode mexer com os sentidos e despertar prazeres sensuais em quem, em teoria, não ‘deveria’ ter: mulheres solteiras, sozinhas e sem maridos, por exemplo”, explica Villalta.

Queimar, proibir, censurar ou tirar de circulação. Só se ataca o livro com a intenção de aniquilar a memória que ele encerra. Como diz Báez, “se destrói aquilo considerado como ameaça a um valor considerado superior”.

“O livro não é destruído por ser odiado como objeto”, explica o pesquisador. Pode ser uma tableta entre os sumérios, um osso entre os chineses, uma pedra, um pedaço de couro, um papel, um CD ou um dispositivo eletrônico. O que interessa mesmo é o seu conteúdo – e a quem ele afeta.

“É importante que a gente tenha essa perspectiva histórica para não pensar que estamos imunes a uma tentativa de se queimarem livros de novo sob algum pretexto”, reflete Villalta.

Dica

Para conhecer mais da obra de Villalta, consulte “Usos do livro no mundo luso-brasileiro sob as luzes: reformas, censura e contestações”, disponível no Sistema de Bibliotecas da UFMG.

NAS LABAREDAS DE UM AMANHÃ SEM LIVROS

Livia Araújo

Em um futuro próximo, os livros são vistos como propagadores de infelicidade – e por isso, proibidos. Há bombeiros especialmente responsáveis por queimar livros a 451 graus Fahrenheit. No livro que inspirou o filme de François Truffaut, o autor Ray Bradbury cria uma realidade onde informações, opiniões e individualidades são cerceadas pelo Estado. O longa-metragem de 1966 conta a história de Guy Montag (Oskar Werner), um bombeiro que começa a questionar seu trabalho após conhecer a teimosa Clarisse McClellan (Julie Christie). Montag passa a ler obras confiscadas e deve decidir entre se conformar com a antiga vida ou encarar as consequências de uma nova forma de “ler” o mundo.

Divulgação

Especial

Livros de OURO

A conservação de preciosidades do impresso

Livia Araújo

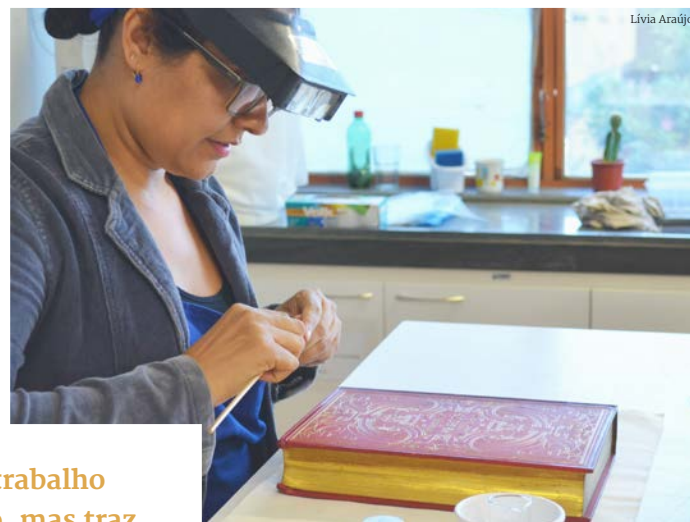
A qualidade da encadernação, as particularidades de uma coleção, os detalhes, as cores, cada entalhe. O ouro nas lombadas e grandes nomes de impressores franceses... Rejeitando a produção em série que se popularizava no século XIX, os bibliófilos prezavam por regras e padrões para uma coleção ideal, criando demandas por obras raras que são valorizadas até hoje.

Firmin Didot foi um dos impressores mais procurados por colecionadores dessa época. Três de suas impressões chegaram este ano à Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras da UFMG (Dicolesp), através de doação do professor Antônio Orlando Lopes, da Faculdade de Letras.

Antes de serem disponibilizados para consulta, esses livros passam por um tratamento de conservação, coordenado por Diná Araújo, da Dicolesp. O processo é longo – e silencioso.

Pequenos deslizes com as obras raras, tais como arrastá-las sobre a mesa, comer perto delas, deixá-las em

“É um trabalho silencioso, mas traz grande repercussão. Pode ser que ninguém saiba que tiramos determinado fungo, mas muitas pessoas verão esse livro, mesmo daqui a cem anos”, diz.



Livia Araújo

local com incidência de sol ou qualquer contato com a umidade, têm como consequência reparos dispendiosos. Nesses casos, limpeza e hidratação são algumas etapas pelas quais os livros terão que passar para manter sua memória preservada.

Eternizando a história de impressores, autores e ilustradores de diversas épocas, os profissionais de conservação são como bibliófilos: ao prezar pela singularização do exemplar, possibilitam manter a leitura única e sensível de cada texto.



Patrimônio do Mundo Latino-Americano

O Comitê para a América Latina e Caribe do programa Memória do Mundo, da UNESCO, está com inscrições abertas até 31 de agosto para o envio de candidaturas de acervos de valor histórico e cultural. O projeto confere o selo “Memória do Mundo” aos documentos selecionados. Essa certificação possibilita maior visibilidade aos acervos e facilita a solicitação de recursos para preservá-los.

A UFMG submeterá, para ser avaliado pelo Programa Memória do Mundo, o testamento de Martim Afonso de Souza e Dona Ana Pimentel, casal pioneiro na exploração do Brasil. Conferir o selo da UNESCO a esse documento histórico permitiria dar mais visibilidade aos debates que o acervo traz sobre construções sociais, mitos e verdades do Brasil Colônia.

Para submeter uma candidatura ao programa, acesse: <https://mowlac.wordpress.com/>



Mudança no Portal de Periódicos

Desde o mês de junho deste ano, o acesso ao Portal de Periódicos da Capes passou a ser unificado, visando garantir maior segurança da informação, honrar acordos com editoras parceiras e fomentar o uso da biblioteca virtual.

Com essa mudança, é possível acessar os conteúdos científicos – bases de dados, periódicos e demais ferramentas disponibilizadas pelos editores – apenas por meio do Portal: www.periodicos.capes.gov.br



Perguntas Frequentes

Você sabe o que fazer no caso de perda ou roubo do material emprestado no Sistema de Bibliotecas da UFMG? Após comunicar o fato à biblioteca em que fez a reserva, você será informado sobre as providências de reposição. Normalmente, é necessário comprar um novo exemplar, com as mesmas especificações da obra perdida. Essas e outras dúvidas podem ser esclarecidas em: www.bu.ufmg.br/bu/index.php/faq e www.bu.ufmg.br/circulacao

As várias faces de DOM QUIXOTE

Livia Araújo



Livia Araújo

Os livros levaram Dom Quixote à loucura. Ou assim argumentavam aqueles que queriam ver sua biblioteca em chamas. Na obra icônica de Miguel de Cervantes, o autor satiriza os populares romances de cavalaria da época, com um fidalgo que acreditava ser importante lutar contra moinhos de vento – ou seriam dragões cuspidores de fogo?

Neste ano, comemoramos 400 anos da morte de Cervantes, um espanhol que se dedicou à literatura após conturbada carreira militar. Releituras de Dom Quixote têm sido feitas por músicos, ilustradores, escritores e artistas de toda sorte desde sua publicação, em 1605.

Na Biblioteca Central da UFMG, edições de diferentes nacionalidades serão expostas para homenagear o “cavaleiro da triste figura”. Em setembro, a Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras realizará uma exposição com 35 exemplares especiais e curadoria de Paulo da Terra Caldeira.

Com destaque para representações de Dom Quixote através do tempo, a mostra conta com nomes de célebres editores e ilustradores. Versões de luxo do impressor francês Didot L’Ainé, reproduções similares às primeiras publicações do século XVII, clássicos desenhos de Gustave Doré, mapas, fotografias e comentários sobre o desenvolvimento dessa grande história compõem a exposição.

SEM TABUS

livros eróticos em cena

Alex Vilaça

Obsceno é sinônimo do que deve ficar na escuridão dos bastidores. No século III, o “Kama Sutra”, por exemplo, foi considerado obsceno por explicitar textos eróticos que, na época, deveriam permanecer fora de cena.

Fato é que, ao longo da história da literatura, obras-primas foram censuradas pelo conteúdo erótico, em nome da “moral e dos bons costumes”. “A censura se relaciona com a moral do seu momento histórico, sendo, portanto, cambiável ao efeito obsceno que o status da arte proporciona”, afirma Rodrigo Gerace, doutor pela Escola de Belas Artes da UFMG, no livro “Cinema explícito – Representações cinematográficas do sexo”.

O contista Marquês de Sade foi censurado séculos após sua morte. Entre os contos do libertino, destacam-se “Os 120 dias de Sodoma” e “O corno de si mesmo”.

A moral, no entanto, é seletiva. Alguns textos sobre temas problemáticos, como incesto e pedofilia, não foram censurados. “Anti-Justine”, de Bretonne, “O Novo Epicuro”, de Sellon, “Autobiografia de uma pulga”, de Rhodes, “Lolita” e “Ada ou ardor”, ambas de Nabokov, são algumas das obras mais polêmicas. O inglês Charles Swinburne, por exemplo, publicou anonimamente “Flossie, a Vênus de Quinze Anos”, em 1897, para escapar da censura. Segundo a sinopse, o clássico conta a história “de amor e desejo” entre um capitão e a jovem Flossie, de apenas 15 anos. Nessas obras e “na indústria do livro, a mulher não escapa de ser representada sob um olhar machista”, escreve o pesquisador Johnny Martins, da Universidade Federal da Paraíba, no artigo “Escrita Erótica”, publicado em 2015, na revista Continente.

Muito além de cinquenta tons

Críticas ao best-seller “Cinquenta Tons de Cinza”, da autora Erika Leonard James, apontam que o livro naturaliza abusos e preconceitos contra a mulher. Mas há autoras que abordam o tema de maneira distinta.

Anãis Nin, por exemplo, versa sobre o sexo não só nos aspectos físicos, mas também psicológicos. Nas palavras da autora, “o erotismo é uma das bases do autoconhecimento, tão indispensável quanto a poesia”.

A exploração de temas considerados polêmicos fez com que Anãis Nin fosse tabu por décadas. “Pequenos pássaros” e “Delta de Vênus” são obras da escritora que, mais do que contos eróticos, são histórias de libertação e superação.

Outra escritora de destaque é a brasileira Hilda Hilst, cuja trilogia erótica – “O caderno rosa de Lori Lamby”, “Contos d’escárnio: textos grotescos” e “Diário de um sedutor” – é uma distinção em sua produção literária. A autora foi excluída do mercado editorial por décadas, tornando-se uma escritora “maldita” por colocar em prática “procedimentos de transgressão e profanação em sua obra”. É o que mostra a pesquisadora Fernanda Scholnik, da Uerj, no artigo “Hilda Hilst: escritora maldita?”, publicado em 2014, na revista Estação Literária.

Ainda no Brasil, alguns escritores também se aventuraram na escrita erótica, como Nelson Rodrigues, em “Engraçadinha”, e João Ubaldo Ribeiro, com “A Casa dos Budas Ditosos”. Escrito no feminino, este livro é a narração em primeira pessoa de uma baiana de 68 anos, que “jamais se furtou a viver – com todo o prazer e sem respingos de culpa – as infinitas possibilidades do sexo”. A história por trás da obra é ainda mais interessante. O autor relata que recebeu em casa um misterioso pacote, com a transcrição datilografada de várias fitas, gravadas por uma mulher anônima. Seria um relato verídico ou não passa de ficção? Fica a dúvida e o convite para se deleitar com a leitura dessa e de outras obras da literatura erótica disponíveis nas bibliotecas da UFMG.

Expediente

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais – Biblioteca Universitária – **Diretor:** Wellington Marçal de Carvalho – **Vice-Diretor:** Anália Gandini Pontelo – **Projeto Gráfico:** Anna Luisa Cunha – **Capa:** Raphaela Fernandes. Interferência Gráfica em texto de Jean de La Brète – **Editores:** Carla Pedrosa (Reg. Prof. 0015822/MG) – **Coordenador de Design:** Marcelo de Carvalho Borges – **Bolsistas:** Alex Vilaça, Dayane Gomes, Lívia Araújo e Raphaela Fernandes – **Impressão:** Imprensa Universitária – **Tiragem:** 4.000 exemplares – Circulação bimestral – **Endereço:** Biblioteca Universitária – **Assessoria de Comunicação Social:** Av. Antônio Carlos, 6.627 / sala 212 – 2º andar, Campus Pampulha, CEP 31.270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Telefone:** (31) 3409-5521 – **Internet:** www.bu.ufmg.br e comunicacao@bu.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

UFMG

IMPRESSO